

FACULDADE PAULISTA DE ARTES
CURSO DE MUSICOTERAPIA

MUSICOTERAPIA PARA CÃES COM DEPRESSÃO

ÉRIK YOSHIKAWA TAKABATAKE

SÃO PAULO
2007

FACULDADE PAULISTA DE ARTES
CURSO DE MUSICOTERAPIA

MUSICOTERAPIA PARA CÃES COM DEPRESSÃO

ÉRIK YOSHIKAWA TAKABATAKE

**Monografia de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, como
parte das exigências para obtenção do
Título de Graduação do Curso de
Musicoterapia, da Faculdade Paulista de
Artes, sob orientação da Prof^a Silvia Rosas
e co-orientação da Prof^a Cristiane
Amorosino.**

SÃO PAULO

2007

Biblioteca José Carlos de Figueiredo Ferraz

T136m TAKABATAKE, Êrik Yoshikawa

Musicoterapia para Cães com Depressão.
Orientação da Prof^a. Silvia Rosas e Co-orientação da
Prof^a. Cristiane Amorosino. São Paulo: Faculdade
Paulista de Artes, 2007.

1. Musicoterapia 2. Música 3. Cães – depressão 4.
Comportamento animal.

CDD-615.85

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTO

Aos meus pais e irmãos que sempre estiveram presentes com carinho e dedicação dando apoio e incentivo nos estudos.

À professora Silvia Rosas pela dedicação, empenho e paciência durante todo o processo do desenvolvimento acadêmico.

À professora Cristiane Amorosino pelo incentivo e por acreditar neste trabalho contribuindo para a realização desta monografia.

A todos os professores que transmitiram suas experiências e que grandemente contribuíram durante estes quatro anos de faculdade.

Aos amigos e colegas que durante todos dias fizeram companhia e contribuíram com o apoio e com os estudos.

Ao médico veterinário Dr. Alessandro que muito contribuiu com materiais e conhecimentos sobre os cães.

“Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante.”

Albert Schweitzer – Nobel da Paz, 1952

RESUMO

A proposta deste trabalho é a utilização da Musicoterapia como tratamento da depressão em cães visando seu bem-estar. O estudo do comportamento animal tem se tornado muito importante para o bem-estar dos animais, principalmente para os cães que já convive com o homem há mais tempo do que qualquer outro animal doméstico. Nos últimos anos vêm ocorrendo casos de depressão em cães, doença causada principalmente por fatores emocionais. Este trabalho estuda os efeitos da música em cães e realiza um estudo piloto com o objetivo de comparar seus resultados com os dados encontrados na literatura. O autor conclui que a música pode ter efeitos positivos, melhorando o comportamento dos cães.

Palavras-chave: Cães; Comportamento; Depressão; Música; Musicoterapia.

ABSTRACT

This paper has a propose to using Music Therapy for treatment of depression in dogs providing their welfare. The study of animal behavior has become very important to animal's welfare, especially for dogs that have been living with man for a long time than any other domestic animal. In recent years domestic dogs have been having cases of depression in dogs, disease mainly caused by emotional factors. This paper studies the effects of music in dogs and performs a pilot study in order to compare their results with the literature. The author concludes that the music can have a positive effect by improve the dog's behavior.

Key-words: Dogs; Behavior; Depression; Music; Music Therapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O COMPORTAMENTO ANIMAL	10
2 OS CÃES	12
2.1 A Audição em Cães	13
2.2 A Depressão em Cães	15
3 MUSICOTERAPIA	17
3.1 Os Efeitos da Música em Cães	19
4 ESTUDO PRELIMINAR COMPARATIVO.....	21
4.1 Metodologia.....	21
4.2 Resultados.....	24
4.3 Análise dos Resultados.....	28
4.4 Discussão.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
ANEXO I.....	32
ANEXO II.....	33
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é “Musicoterapia e Bem-estar Animal”, tendo como principal foco os cães com depressão. A idéia surgiu quando pensei em utilizar a musicoterapia como mais uma opção de tratamento para os animais, pois nos últimos anos vem ocorrendo uma grande procura por terapias como acupuntura, banho terapêutico, aromaterapia, massoterapia, fitoterapia e psicologia, que visam a qualidade de vida e o bem-estar animal em clínicas veterinárias, granjas, fazendas de gado de leite e abrigos.

A musicoterapia é utilizada para promover a saúde através da música e dos elementos do som (melodia, ritmo, harmonia, timbre). O mercado de trabalho nesta área pode ser bastante amplo, envolvendo as áreas de reabilitação, de prevenção, de tratamento de patologias ou deficiências e de recuperação dos problemas psíquicos ou físicos, buscando melhorar o bem-estar biopsicossocial não somente para pessoas, como também para animais.

Percebemos a importância deste trabalho, pois além de ser uma nova área que se encontra em desenvolvimento, a procura por terapias para a qualidade de vida dos animais pode ampliar o mercado de trabalho para os musicoterapeutas e para as outras áreas relacionadas à saúde animal.

Os principais objetivos desta área são: valorizar os animais que necessitam de cuidados, criar um ambiente de conforto visando o bem-estar, aprimorar a relação homem-animal e, principalmente, melhorar a qualidade de vida.

Neste trabalho, discorreremos sobre o comportamento animal, focando o cão, sua audição e estados de depressão, além de apresentar estudos realizados sobre os efeitos da música em cães.

Ao final, apresentaremos um estudo piloto que realizamos para verificar os efeitos da música em cães.

1 O COMPORTAMENTO ANIMAL

“Comportamento” pode ser entendido como “todo e qualquer ato executado por um animal, perceptível ou não, ao universo sensorial humano”. (DEL-CLARO e PREZOTO, 2003; p.12). Ou seja, o Comportamento Animal consiste em um conjunto de ações e movimentos que os animais exibem em suas diversas situações de vida, como por exemplo, um boi pastando, um cachorro marcando o seu território, uma capivara se alimentando, a galinha cuidando dos pintinhos, a perereca completamente parada para se proteger de predadores, o filhote de gato brincando de caçar, a migração das aves, um peixe se exibindo para atrair a fêmea, o camaleão mudando de cor, entre outros.

As primeiras observações dos animais pelo homem data desde a Pré-história na Idade da Pedra Lascada (30.000 anos a.C.), registrados pela Arte Rupestre por meio das pinturas de animais nas paredes de rochas e cavernas, e o início da domesticação dos animais na Idade da Pedra Polida (cerca de 10.000 anos a.C.) (PROENÇA, 2003).

No final do século XVIII, surgiu o termo “Etologia” para descrever os estilos de vida, mas passou a ser usada com o sentido de descrever o estudo do comportamento em 1950, por Niko Tinbergen (GENARO, in: DEL-CLARO e PREZOTO, 2003).

A Etologia consiste numa ciência que estuda como os animais se manifestam a partir de observações, descrições e interpretações do comportamento em seu ambiente natural, sejam eles inatos ou adquiridos. Envolve diversas áreas como a Biologia, a Medicina Veterinária, a Psicologia, Zootecnia e Ecologia (SOCZKA, 1994).

No final do século XIX, houve um amplo crescimento deste estudo, passando a ser estudado cientificamente a partir do século XX (GENARO, in: DEL-CLARO e PREZOTO, 2003).

Recentemente, o Bem-estar Animal tornou-se uma disciplina ligada à Etologia, sendo definido como um estado de harmonia entre o animal e o seu ambiente (MACHADO FILHO E HÖTZEL, in: DEL-CLARO e PREZOTO, 2003). Envolve características psicológicas que estão relacionadas com os

sentimentos e as emoções e com todo o funcionamento orgânico como a alimentação, a reprodução e a saúde. A diminuição no bem-estar altera o comportamento e pode colocar em risco a vida do animal (COSTA E PINTO, in: DEL-CLARO e PREZOTO, 2003).

2 OS CÃES

“A humanidade mantém laços afetivos mais fortes com os cães do que com qualquer outro bicho” (TEIXEIRA, 2007, p.69)

Beaver (2001) coloca que os cães têm se associado com o homem há mais de 1000 anos, mais tempo que qualquer outro animal doméstico. E que o ancestral mais velho do cão doméstico é o *Miacis*, carnívoro e pequeno que viveu há aproximadamente 40 milhões de anos. Muitos especialistas dizem que o lobo (*Canis lupus*) teve um papel importante na genética do cão e que com a evolução gerou o *Canis lupus familiaris* e depois o *Canis familiaris* que é a espécie dos cães atuais.

Evidências indicam a existência de cães no Iraque, na caverna Pelagawra, há cerca de 10000 a 12000 anos. Também no norte de Israel, os cientistas encontraram um túmulo que continha um esqueleto de um humano com de um cãozinho que datava de 9750 a 9350 a.C.; cães domesticados na China datados entre 7355 a 100 anos a.C.; na Inglaterra, evidências de cães datados entre 7538 a 350 anos a.C.; Suíça e Dinamarca de 6800 a 5000 a.C.; e nos EUA há 8500 anos. Na Roma antiga, os cães faziam parte da cultura e eram encontrados por todo o império. Os romanos tinham os cães de luta, pastores, de guarda e de estimação. Há 7000 anos havia tipos específicos de cães. Em Pompéia e Roma foram encontradas as primeiras placas dizendo “cuidado com o cão” (*cave canem*). Desde o século XX, os cães são usados para preencher as necessidades humanas, como cães-guia para cegos, na busca ou resgate de pessoas, detectores de cheiro ou ainda como cão-terapeuta. Dependendo da cultura da região, o cão pode ser tão importante numa família que acabam recebendo nomes de seres humanos e compartilham a cama com os humanos. (BEAVER, 2001)

Segundo Stein (1998), no século XX, o bem estar do cachorro já é tão importante quanto o da família, pois ele ajuda em vários serviços. Nas culturas nativas americanas, os cães são características predominantes dos animais-totem. Nas tribos das planícies do sudoeste, os cães eram usados

como caçadores, protetores, transporte, fontes de calor no inverno; eram considerados criados-soldados, cuidadosos guardiões de crianças e avisavam a cidade em caso de ataque.

Teixeira (2007, p. 69) afirma que *“De acordo com um levantamento da Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais de Estimação (Anfal Pet), há hoje no Brasil quase 29 milhões de cães de estimação”*.

Conforme Beaver (2001), a capacidade dos cães de interpretar os gestos dos seres humanos tem sido experimentalmente confirmado. Os canídeos usam uma grande variedade de posturas corporais geneticamente programadas para se comunicar e conseguem perceber e ler pequenas alterações posturais.

Em cães e gatos, a linguagem corporal é uma maneira básica de comunicação e envia muitas mensagens. As posições corporais como das orelhas e do rabo falam bastante, podendo demonstrar humor, emoção e intenção. (STEIN, 1998).

De acordo com Giannini (2007), o neurocientista italiano Giorgio Vallortigara afirma que o hemisfério esquerdo do cérebro da maioria dos animais está relacionado aos sentimentos de aproximação como os afetos e o hemisfério direito, aos sentimentos de retirada como o medo e a depressão. E que, segundo um estudo realizado por ele, quando o cão balança a cauda mais para a direita, está expressando sentimentos positivos; quando balança mais para a esquerda, está expressando sentimentos negativos. Tanto nos animais quanto nos humanos, a resposta motriz é cruzada em relação aos hemisférios cerebrais.

2.1 A Audição em Cães

De acordo com Swenson e Reece (1996), todos os animais domésticos são capazes de ouvir os sons do meio ambiente, independente de cada sistema auditivo, seja de mamíferos, de aves etc. Nos mamíferos a audição é conhecida como a mais desenvolvida dentre a dos vários animais, percebendo uma ampla faixa de frequências sonoras compreendidas por aproximadamente 10 oitavas. De modo geral, esta audição consiste em

perceber através de sensores auditivos a informação acústica do ambiente e transformar em impulsos nervosos que são transmitidos para o Sistema Nervoso Central, onde será decodificado.

O ouvido é formado por três compartimentos: o ouvido externo, o ouvido médio e o ouvido interno. O Ouvido Externo é constituído pela orelha e pelo canal auditivo, com a função de captar os sons do ambiente e conduzir para o canal auditivo até o tímpano.

Na maioria dos animais, a orelha é capaz de virar na direção do som, aumentando o raio de percepção. O Ouvido Médio é formado pela cavidade timpânica com seus ossículos (martelo, bigorna e estribo) e pela trompa de Eustáquio que regula a pressão de ar da cavidade timpânica com a pressão do meio ambiente, equilibrando-a. E o Ouvido Interno, também conhecido como labirinto, é constituído pela cóclea e pelo órgão vestibular, onde os estímulos mecânicos são transformados em elétricos. (Ibidem)

O mecanismo da audição consiste na seguinte forma: os sons chegam no ouvido externo e seguem até o tímpano pelo canal auditivo, fazendo-o vibrar. Esta vibração no tímpano faz com que os ossículos se movimentem causando ondas no labirinto, fazendo as membranas basilar e tectorial se moverem para cima, para baixo e lateralmente, movimentando as células ciliares que liberam um neurotransmissor que faz sinapse com fibras do nervo auditivo, conduzindo o impulso nervoso até o cérebro. (Ibidem)

Segundo Beaver (2001), nos cães, a capacidade de distinguir os timbres depende da frequência e da intensidade. A variação auditiva está entre 200Hz a 15000Hz para se ter uma máxima ou melhor audição, comparando com o homem que está entre 1000Hz e 4000Hz.

Stein (1998, p.36) afirma que:

“O sentido da audição nos cachorros é extremamente agudo, muito além daquele dos humanos ou dos gatos. Sons inaudíveis para as pessoas são facilmente ouvido pelos cães, e o que uma pessoa ouve a 900 metros, um cão pode ouvir a uma distância acima de 4 quilômetros. Os lóbulos móveis externos das orelhas localizam com precisão a origem de um som”.

Quando o cão recebe uma ordem, ele não entende pela palavra, mas pelo tom da voz do seu dono. Se, por exemplo o dono elogia com a voz aborrecida, o cão poderá entender que fez algo errado. (GYGAS, 1987)

2.2 A Depressão em Cães

Segundo Burnier (2005), a depressão em cães pode estar relacionada à ansiedade que ocorre quando o animal passa por situações de estresse crônico ou traumático, passando a ter sinais de inabilidade nas funções biológicas, isolamento social, falta de apetite e falta de interesse nas atividades como brincar ou sair para passear.

A autora coloca também que os animais podem ter seqüências genéticas que os predispõem a alterações de humor relacionadas ao estresse causado por mudanças de rotina, perdas afetivas ou entrada de um novo membro no grupo, seja outro animal ou pessoa, perda da liberdade, solidão, abandono ou traumas de infância. Algumas doenças, como o hipotireoidismo ou as disfunções hormonais, que provocam desconforto físico ou afetam o estado emocional também podem levar o cão à depressão. Outros fatores como a velhice, as cirurgias e os atropelamentos são causadores do problema. A depressão afeta todas as raças, principalmente as de companhia, pois estas em geral são emocionalmente dependentes de seu dono.

De acordo com Melo (2005), vários fatores podem causar a depressão nos animais, como a ausência ou o falecimento de seu dono, a falta de atividades físicas, alterações no ambiente como mudar de uma casa grande para um apartamento ou a falta de contato com outros animais e pessoas.

Burnier (2005) coloca que os principais sintomas de depressão em cães podem aparecer de forma lenta e gradativa; são caracterizados pela falta de apetite, isolamento, apatia, intolerância ao toque físico, pouca interação e responsividade aos estímulos.

Há várias formas de tratar a depressão em animais. Normalmente são utilizados medicamentos antidepressivos como o Prozac, terapias como a Homeopatia e Florais de Bach e trabalho comportamental que visam a qualidade de vida e o bem-estar do animal (BURNIER, 2005; MELO, 2005).

De acordo com Beaver (2001), normalmente é utilizada a terapia com drogas para tratar problemas de comportamento como a depressão. Mas, as drogas antidepressivas podem acelerar a destruição pré-sináptica, inibem a liberação dos neurotransmissores nas sinapses e diminuem a sensibilidade do receptor pós-sináptico. Também podem causar arritmia, taquicardia, constipação, retenção urinária, náuseas, disfunções sexuais ou ataques convulsivos, podendo necessitar de medicamentos complementares.

“A doença física causada por uma emoção não responde de imediato a antibióticos ou a drogas químicas e também resiste a outras formas de cura do nível físico. Isso acontece porque o mal é um sintoma e não a doença em si” (STEIN, 1998, p. 250).

Stein (1998, p.249) afirma que um animal com uma doença física poderá apresentar sintomas mentais e emocionais. Também coloca que *“Quando a doença é curada nos aspectos físicos, mas não no aspecto mental-emocional, ela poderá reaparecer ou transformar-se em outra doença”*. Se um animal que tem uma boa saúde física ficar estressado, raivoso, depressivo ou traumatizado, as emoções podem fluir pelo corpo e se transformar em uma doença física. E pontua que *“[...] os sentimentos emocionais são os fatores principais na produção tanto da doença quanto do bem-estar [...]”*.

Morailon (2006) afirma que: *“Os estudos sobre as doenças animais mostram que algumas delas são muito semelhantes às doenças humanas tanto pelos seus sintomas quanto pelas suas causas.”*

3 MUSICOTERAPIA

Primeiramente, apresentaremos algumas definições de Musicoterapia e como é utilizada para ajudar as pessoas, para então podermos compreender como ela pode auxiliar os cães.

Bruscia (2000) afirma que existem diversas definições para a musicoterapia. Muitos terapeutas e associações desenvolveram sua própria definição, conforme seus conceitos e práticas.

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia (“World Federation of Music Therapy”) (apud BRUSCIA, 2000, p. 286):

“Musicoterapia é a utilização da música e/ou dos elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) pelo musicoterapeuta e pelo cliente ou grupo, em um processo estruturado para facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e a organização (física, emocional, mental, social e cognitiva) para desenvolver potenciais e desenvolver e recuperar funções de indivíduo de forma que ele possa alcançar melhor integração intra e interpessoal e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida”.

Barcellos (apud BRUSCIA, 2000, p. 274) define:

“Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos integrantes como objeto intermediário de uma relação que permite o desenvolvimento de um processo terapêutico, mobilizando reações biopsicossociais no indivíduo com o propósito de minimizar seus problemas específicos e facilitar sua integração/reintegração no ambiente social normal”.

De acordo com Bruscia (2000, p. 165), *“A Musicoterapia é incrivelmente diversa. É atualmente utilizada em muitos e diferentes settings clínicos, para tratar de uma grande variedade de problemas de saúde, de um sem número de tipos de clientela”.*

Um dos tipos de experiências musicais, segundo Bruscia (2000), são as Experiências Receptivas. O cliente ouve a música e pode responder de diversas maneiras, seja permanecendo em silêncio, expressando verbalmente, realizando movimentos ou desenhando. Esta experiência tem como principais objetivos promover a receptividade, evocar respostas corporais específicas, estimular ou relaxar, desenvolver habilidades áudio-motoras, evocar estados de experiências afetivas, explorar idéias ou pensamentos, facilitar a memória, as reminiscências e as regressões, evocar fantasias e a imaginação, estabelecer uma conexão entre o ouvinte e o grupo comunitário ou sócio-cultural e estimular experiências espirituais.

Podemos citar como uma das variações deste tipo de experiência a “Escuta para a Estimulação”. Bruscia (2000) ressalta que a escuta musical objetiva:

“[...] estimular os sentidos, despertar a atenção, estabelecer contato com a realidade ou com o ambiente, aumentar o nível de energia, evocar atividade sensório-motora, aumentar as percepções sensoriais, ou elevar o humor” (p. 131).

Outra variação é a “Escuta Contingente”, definida como: *“A utilização da escuta musical como um reforço eventual da mudança comportamental”* (BRUSCIA, 2000, p. 131).

De acordo com Benenzon (1985),

“A Musicoterapia é uma especialização científica porque devemos estabelecer um limite entre os aspectos históricos, onde estão incluídas as lendas, e as claras investigações sobre o efeito da música e do som no ser humano, nos animais e nas plantas.” (p. 11).

Com base nas definições citadas acima, acreditamos que a Musicoterapia está apta a atuar no tratamento de cães com depressão, com o objetivo de melhorar os aspectos fisiológicos e emocionais, alterando seu comportamento e, conseqüentemente, promovendo um maior bem-estar e qualidade de vida.

3.1 Os Efeitos da Música em Cães

Segundo Woodford, os membros da “*American Boarding Kennel Association*” (ABKA), uma associação americana de canil, relataram um experimento com “*lullabies*” (canções de ninar) que acalmaram os cães mesmo os ansiosos, os que latem e os cachorrinhos que choramingam. (<http://www.caninelullabies.com>).

“Dos 113 membros da ABKA, 91 disseram que a música acalmou os cães, reduziu os latidos nos canis, reduziu a ansiedade de separação, diminuiu a diarreia causada pelo estresse e ajudou os cães a dormirem” (Ibidem).

Woodford também relata o caso de um filhote de Golden Retriever que entrou em coma depois de uma séria operação e não tinha expectativa de vida. Tocaram então, o CD “*Baby-Go-To-Sleep*” com a esperança de que isso poderia ajudar. No terceiro dia, o filhote tinha acordado.

Originalmente conhecido como o CD “*Baby-Go-To-Sleep*”, tem nos arranjos da música o ritmo dos batimentos cardíacos real dos humanos como princípio básico do relaxamento. Essas músicas foram chamadas por Woodford de “*Canine Lullabies*”. Ele afirma que: “*“Canine Lullabies” é um dos poucos produtos testados em humanos antes de serem usados nos animais*”. (<http://www.caninelullabies.com>).

Hermann Bubna-Littitz, médico veterinário, afirma que “[...] o corpo, quando em um estado relaxado, começa a funcionar de acordo com algum ritmo” (<http://www.petsandmusic.com>).

Conforme Grinde (2000), a música pode ter um efeito relaxante, não somente nos humanos, mas também em animais. O efeito relaxante é possivelmente explicado, pois a música é contínua e rítmica. Num ambiente natural, o perigo pode ser acompanhado por sons repentinos e inesperados. Sons constantes sugerem condições de paz, enquanto que os descontínuos exigem atenção. O som contínuo que é considerado seguro relaxa o cérebro.

Segundo Camu (2006), a tendência dos animais de absorverem o estresse emocional e as doenças dos humanos com quem convivem, os distúrbios mentais e emocionais trazidas pela dor, solidão, abandono, abuso ou traumas podem ser aliviadas ou eliminadas tocando-se músicas.

De acordo com Butler (2006), foram realizados estudos sobre os efeitos da música nos cães em “Queen’s University”, no norte da Irlanda e no “Rehoming Centre of the National Canine Defence League”, na Inglaterra. As músicas compostas especificamente por Thomas Schoenberger acalmam os animais de estimação. Muitos comportamentalistas animais, veterinários, canis e proprietários de animais tocam músicas para seus animais, pois o tipo certo de música pode reduzir o stress, ajudar no relaxamento e aliviar a depressão.

As músicas para piano de Thomas Schoenberger foram originalmente compostas para crianças e bebês, mas suas melodias têm revelado acalmar também os animais de estimação (<http://www.dogtoys.com>).

Para Reinecker, a música clássica tem sido usada para aliviar o estresse e melhorar o bem estar. Verifica-se que a música clássica traz benefícios de cura para os cães. Eles passam mais tempo em estado relaxado quando expostos à música clássica, descansam mais, latem menos, e ficam mais calmos quando chegam visitas (<http://www.learningdog.com>).

Uma pesquisa realizada por Wells (2002), sobre a influência de estímulos auditivos no comportamento de cães, mostrou que a música clássica deixa os cães mais tranquilos, sendo benéfica tanto para eles quanto para as pessoas que pretendem comprá-lo ou adotá-lo.

4 ESTUDO PRELIMINAR COMPARATIVO

Nossa idéia inicial era realizar um estudo-piloto com cães com diagnóstico de depressão. Porém, no decorrer do estudo, tivemos dificuldade em encontrar abrigos e/ou proprietários que permitissem a realização da pesquisa com seus cães.

Em função do pouco tempo que tínhamos disponível para a conclusão deste trabalho, resolvemos realizar uma verificação dos efeitos da música em cães sem diagnóstico de depressão, baseados nos estudos de Woodford e Reinecker, já citados neste estudo.

Dentre as raças de cães mais populares em São Paulo, como Golden Retriever, Yorkshire, Labrador, Shihtzu e Schnauzer (Oliveira, 2007), escolhemos a raça Yorkshire Terrier, um cão de companhia, extremamente afetuoso e o cão miniatura mais popular do mundo (Enciclopédia do Cão, 2006).

A raça foi escolhida em função da disponibilidade demonstrada por seus proprietários de que seus cães fossem submetidos à experimentação.

4.1 Metodologia

- **Tipo de estudo:** estudo preliminar comparativo (estudo piloto)
- **Objetivo:** comparar os dados encontrados na literatura com os resultados obtidos neste estudo piloto
- **Sujeitos:** dois cães da raça Yorkshire Terrier
 - **Registro clínico:** informações fornecidas pelos proprietários:
 - **Yorkshire 1:**
 - Idade: 3 anos e 11 meses
 - Sexo: fêmea
 - É calma, late muito pouco

- Não teve nenhuma doença
- Não tem contato com outros cães
- Tem pouco contato com outras pessoas
- Sua proprietária ouve muitas músicas com piano solo e músicas do mundo
- Fica a maior parte do tempo sozinha
- Sua proprietária está presente à tarde e à noite
- Passeia aos domingos

- Yorkshire 2:

- Idade: 9 anos
- Sexo: fêmea
- É calma, tranqüila
- Está sempre em companhia de pessoas em casa
- É mais apegada à proprietária
- Na casa, tem muito barulho da rua
- Reconhece o som do carro da família quando chega
- Há 2 anos, quando nasceu a filha da proprietária, seu comportamento mudou: ficou mais independente e manifestou ciúmes da criança, o que ocorre até hoje
- Há outros animais que convivem juntos na casa: 3 gatos, 1 Golden Retriever (2,5 meses de idade), 1 calopsita
- A proprietária conversa com ela em espanhol e em português
- Há 6 anos ficou nos EUA durante 20 dias, com a família

- Local:

- Yorkshire 1: avaliado em sua residência
- Yorkshire 2: avaliado em consultório veterinário

- Materiais e Métodos:

- Estetoscópio
- Aparelho de som
- Ficha de Registro da Aplicação (ANEXO I)
- Repertório musical (ANEXO II):
 - “*London Bridge*”, de Canine Lullabies, com duração de dois minutos e cinquenta segundos, utilizada no estudo de Woodford, e
 - “*Concerto para Piano nº 21, Andante*”, de Mozart, com duração de cinco minutos e trinta e quatro segundos, utilizado no estudo de Reinecker

Os cães, acompanhados de seus proprietários, mas sem que estes dessem qualquer tipo de comando, foram testados cinco vezes, em dias diferentes. Cada teste teve duração de, aproximadamente, 15 minutos.

Antes de iniciar cada teste, foram registradas:

- Freqüência Cardíaca: através da ausculta na região torácica com estetoscópio
- Freqüência Respiratória: através da visualização dos movimentos de inspiração no tórax, durante 15 segundos e multiplicando-se o valor por 4.

Ao final da primeira música, foram registrados:

- Freqüência Cardíaca
- Freqüência Respiratória
- Comportamento Aparente, com os registros: acalmou, excitou ou não alterou

Foi aplicada a segunda música e, ao término desta, registrados:

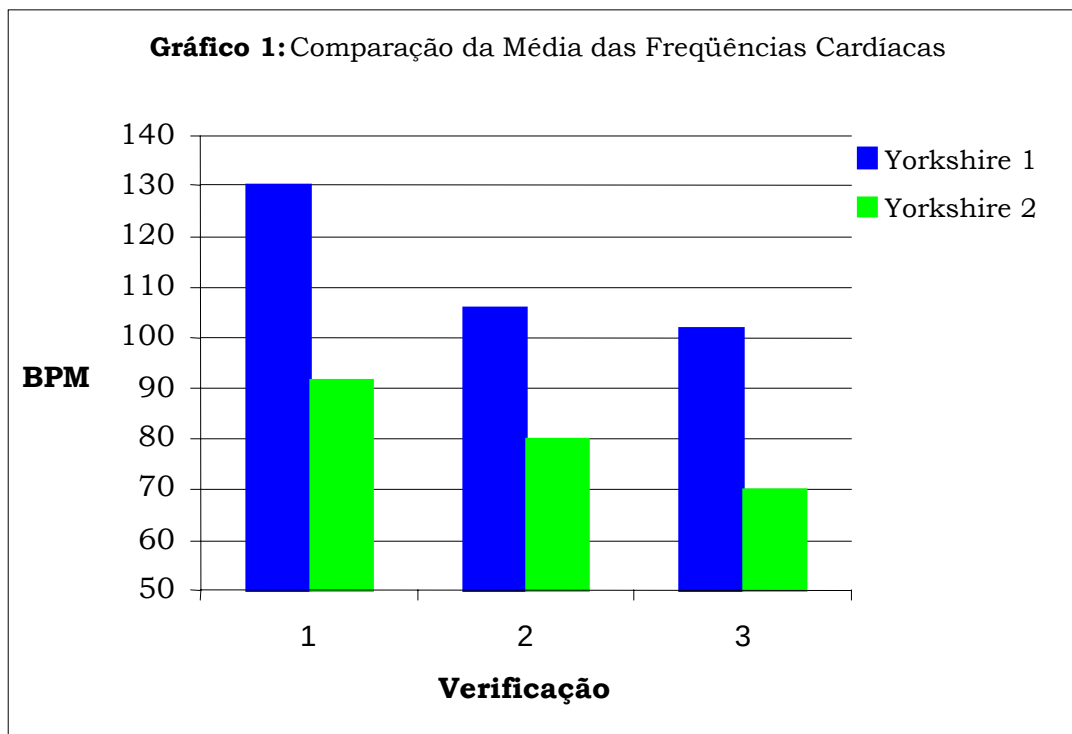
- Freqüência Cardíaca
- Freqüência Respiratória
- Comportamento Aparente

4.2 Resultados

A análise dos resultados demonstra que tanto no Yorkshire 1, quanto no Yorkshire 2, a Média da Frequência Cardíaca dos cinco testes, decresceu da primeira para a terceira verificação (Tabela 1 e Gráfico 1).

Tabela 1: Comparação da Média das Frequências Cardíacas

	Yorkshire 1	Yorkshire 2
Primeira Verificação	130	92
Segunda Verificação	106	80
Terceira Verificação	102	70



BPM: batimentos por minuto

Verificação 1: antes da intervenção musical

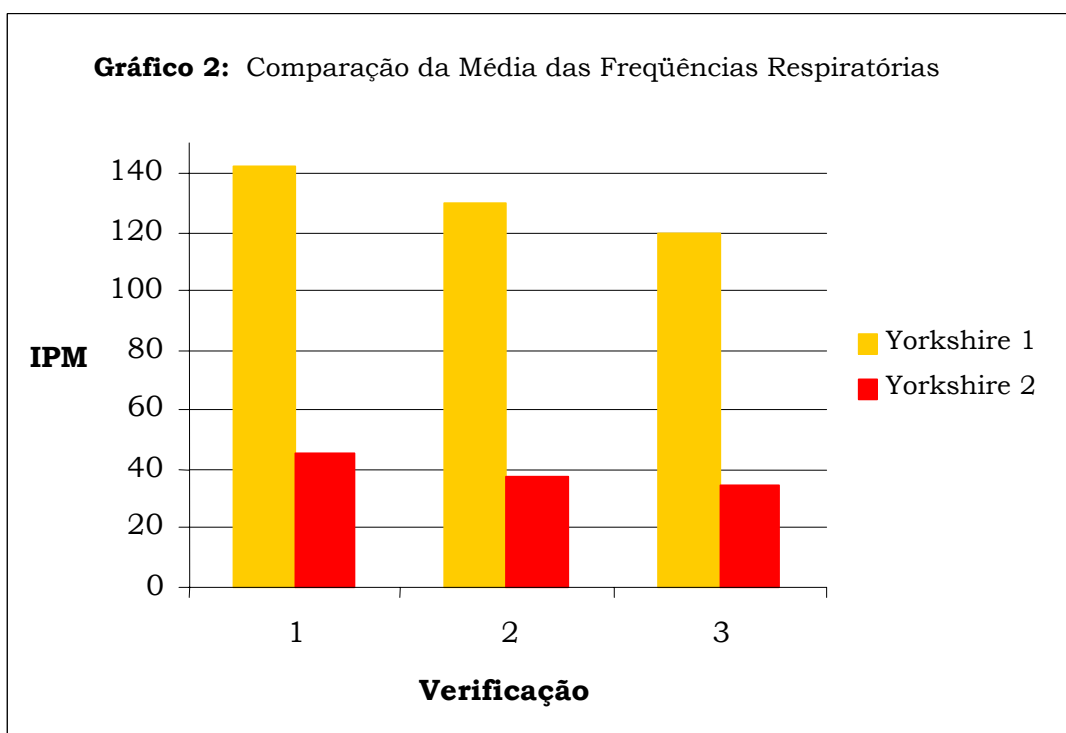
Verificação 2: depois da música de “Canine Lullabies”

Verificação 3: depois da música de “Mozart”

A Média das Frequências Respiratórias dos cinco testes também decresceu, da primeira para a terceira verificação, em ambos Yorkshires (Tabela 2 e Gráfico 2).

Tabela 2: Comparação da Média das Frequências Respiratórias

	Yorkshire 1	Yorkshire 2
Primeira Verificação	142	45
Segunda Verificação	130	37
Terceira Verificação	120	34



IPM: inspirações por minuto

Verificação 1: antes da intervenção musical

Verificação 2: depois da música de “Canine Lullabies”

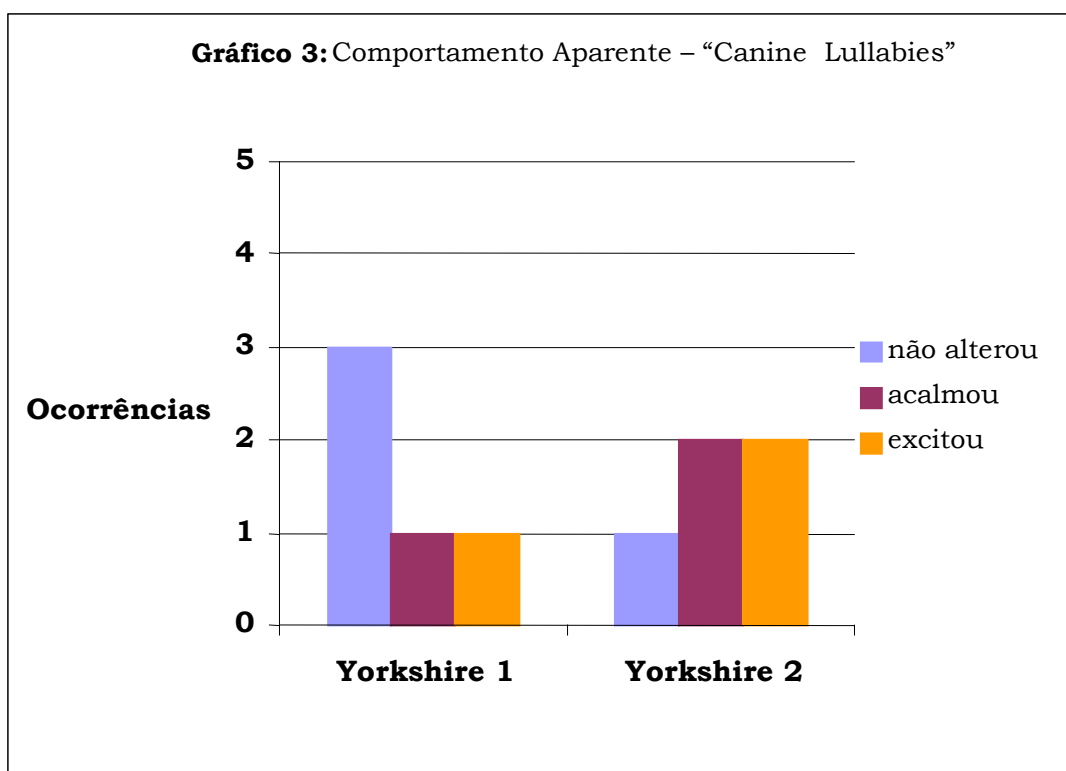
Verificação 3: depois da música de “Mozart”

Em relação aos Comportamentos Aparentes, consideramos a Moda, ou seja, o que ocorreu com maior frequência.

Com a música de “Canine Lullabies”, o Comportamento Aparente do Yorkshire 1 não alterou. Para o Yorkshire 2, a mesma música acalmou e excitou nas mesmas proporções (Tabela 3 e Gráfico 3).

Tabela 3: Comparação da Moda dos Comportamentos Aparentes "Canine Lullabies"

	Yorkshire 1	Yorkshire 2
Não alterou	3	1
Acalmou	1	2
Excitou	1	2



Moda (Yorkshire 1) = 3 (não alterou)

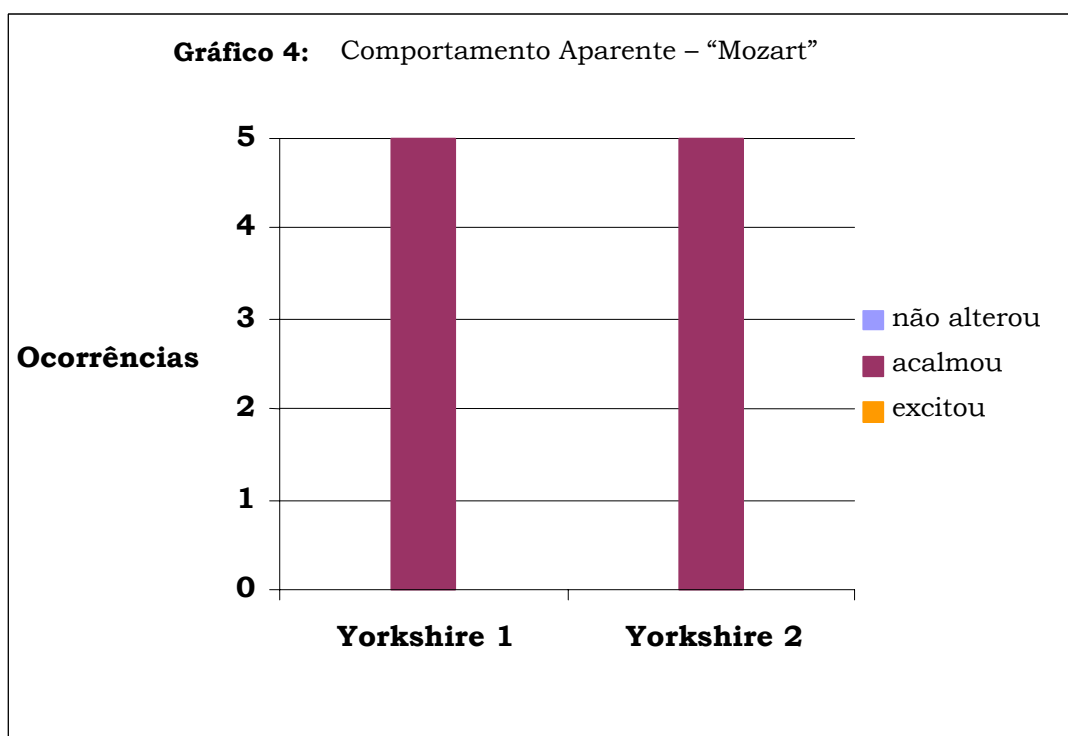
Moda (Yorkshire 2) = 2 (acalmou)

Moda (Yorkshire 2) = 2 (excitou)

Para a música de “Mozart”, também considerando a Moda para o Comportamento Aparente, tanto o Yorkshire 1 quanto o Yorkshire 2 acalmaram (Tabela 4 e Gráfico 4).

Tabela 4: Comparação da Moda dos Comportamentos Aparentes “Mozart”

	Yorkshire 1	Yorkshire 2
Não alterou	0	0
Acalmou	5	5
Excitou	0	0



Moda (Yorkshire 1) = 5 (acalmou)

Moda (Yorkshire 2) = 5 (acalmou)

4.3 Análise dos Resultados

A partir dos resultados, pode-se concluir que para ambos os cães a utilização deste repertório musical diminuiu a Freqüência Cardíaca e a Freqüência Respiratória, o que pode sugerir uma melhora no aspecto fisiológico, promovendo o bem-estar.

Em relação ao Comportamento Aparente, a música de “Mozart” acalmou ambos os cães, mas a música de “Canine Lullabies” não apresentou resultados significativos para definir um comportamento. Este dado pode significar que apesar de ambas as músicas causarem alguma mudança no comportamento, a música de Mozart demonstrou um resultado mais eficaz do que a de “Canine Lullabies”, no que se refere a acalmar os cães.

4.4 Discussão

Apesar de ambos os cães terem idades relativamente diferentes, um com 3 anos e 11 meses e o outro com 9 anos, observamos que os resultados da Freqüência Cardíaca e da Freqüência Respiratória diminuíram entre a primeira e a terceira verificação, independente da idade.

Mas em relação ao Comportamento Aparente, a música de “Mozart” acalmou ambos os cães, resultado já citado anteriormente por Reinecker, em que os cães passam mais tempo em estado relaxado quando expostos à música clássica e ficam mais calmos quando chegam visitas, descansam mais e latem menos. Wells (2002) também afirma que a música clássica deixa os cães mais tranquilos.

Em relação à música de “Canine Lullabies”, não conseguimos o mesmo resultado citado por Woodford, no experimento da associação americana de canil (ABKA), com “lullabies” (canções de ninar), que demonstrou acalmar os cães, pois tivemos resultados de comportamento muito variados.

Talvez se utilizássemos os batimentos cardíacos originais do cão da raça Yorkshire Terrier como princípio básico do relaxamento ao invés do

batimento cardíaco humano, conforme Woodford, poderíamos ter um efeito mais eficaz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos o comportamento animal e a importância da Etologia e do Bem-estar para a vida dos animais.

Vimos que o cão faz parte da vida dos humanos há muito tempo, seja para serviço ou para companhia, sendo às vezes até considerado como um membro da família. E ainda, que os cães se comunicam, principalmente, através da linguagem corporal e sonora e têm uma audição muito mais sensível do que a dos humanos, e que entendem o seu dono pelo tom da voz e não pelo significado da palavra.

Também vimos que a depressão atinge todas as raças de cães, principalmente as de companhia, podendo ser causada pela ausência ou o falecimento de seu dono, pela falta de atividades físicas, falta de contato com outros animais e pessoas ou alterações no ambiente, como mudar de uma casa para um apartamento.

Hoje em dia é muito comum encontrar pessoas que têm cães e vivem em apartamentos. Devido ao estilo de vida das pessoas, ou seja, trabalhar fora o dia inteiro e deixar o cão sozinho em casa, muitos destes animais desenvolvem um estado depressivo.

Há várias formas de tratar a depressão em animais como a utilização de medicamentos químicos, homeopatia, florais ou terapia comportamental; acreditamos que o tratamento através da musicoterapia pode trazer bons resultados.

Mostramos, neste estudo, que alguns pesquisadores encontraram bons resultados com a utilização de músicas para acalmar os cães.

Realizamos um estudo piloto para verificar e comparar as reações de cães normais (sem patologias) quanto aos estímulos sonoros, não somente em nível comportamental conforme alguns estudos, mas também em nível fisiológico, verificando as frequências cardíacas e respiratórias. Nossos resultados mostraram que a música pode ter efeitos positivos, melhorando o comportamento dos cães.

A grande dificuldade na realização deste trabalho foi encontrar materiais sobre o assunto, já que não conhecemos nenhum musicoterapeuta

que trabalhe nesta área. Encontramos somente uma monografia sobre “Musicoterapia e Veterinária” (Mendonça, 2005), cujo estudo, assim como o nosso, foi baseado em estudos sobre os efeitos da música nos animais.

Outra dificuldade com que nos deparamos foi conseguir autorização de proprietários e abrigos de cães, o que impossibilitou que realizássemos nosso estudo com cães depressivos. Somamos a isso, o pouco tempo que tínhamos para a conclusão do estudo, o que nos impediu de continuar procurando os sujeitos com a condição que, inicialmente, era objeto de nossa pesquisa. Porém, a partir dos resultados que encontramos com cães normais, acreditamos que os mesmos possam ser atingidos com cães com depressão.

Mas ainda há muito a ser estudado sobre como a música pode interferir no comportamento dos cães. Esperamos que este material incentive a continuidade deste estudo.

Acreditamos que a Musicoterapia, através dos elementos do som (ritmo, melodia, harmonia e timbre), possa melhorar o bem-estar e a qualidade de vida dos cães, contribuindo como alternativa ou complemento de tratamento associado a outras terapias.

Dessa forma, estaremos valorizando os animais que necessitam de cuidados, criando um ambiente de conforto e aprimorando a relação homem-animal, e trazendo benefícios tanto para os cães quanto para os seus donos.

ANEXO I

Ficha de Registro da Aplicação:

RAÇA: _____

Identificação: _____ Idade: _____ Sexo: _____

TESTE 1

Data: _____

Fcard.	
Fresp.	
Canine Lullabies*	
Fcard.	
Fresp.	
Mozart*	
Fcard.	
Fresp.	

Obs.: _____

TESTE 2

Data: _____

Fcard.	
Fresp.	
Canine Lullabies*	
Fcard.	
Fresp.	
Mozart*	
Fcard.	
Fresp.	

Obs.: _____

TESTE 3

Data: _____

Fcard.	
Fresp.	
Canine Lullabies*	
Fcard.	
Fresp.	
Mozart*	
Fcard.	
Fresp.	

Obs.: _____

TESTE 4

Data: _____

Fcard.	
Fresp.	
Canine Lullabies*	
Fcard.	
Fresp.	
Mozart*	
Fcard.	
Fresp.	

Obs.: _____

TESTE 5

Data: _____

Fcard.	
Fresp.	
Canine Lullabies*	
Fcard.	
Fresp.	
Mozart*	
Fcard.	
Fresp.	

Obs.: _____

*Sendo o Comportamento Aparente:

- Não alterou;
- Acalmou; ou
- Excitou

ANEXO II

CD com o Repertório Musical:

Faixa 1: *London Bridge*, do CD “Canine Lullabies”, utilizado por Woodford.

Faixa 2: *Concerto para Piano nº 21, Andante*, de “Mozart”, utilizado no estudo de Reinecker.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAVER, Bonnie. **Comportamento Canino. Um Guia para Veterinários.** São Paulo: Rocca, 2001.

BENEZON, Rolando O. **Manual de Musicoterapia.** 1. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia.** 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAUVIN, Rémy. **A Etologia. Estudo Biológico do Comportamento Animal.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

DEL-CLARO, Kleber; PREZOTO, Fábio. **As Distintas Faces do Comportamento Animal.** SBET – Sociedade Brasileira de Etologia. São Paulo: SP& Livraria Conceito, 2003.

GIANNINI, Deborah. **Neurocientista italiano afirma que a cauda do cão expressa os sentimentos do animal.** Bichos. Folha de S. Paulo. Revista da Folha. Ano 16; número 767. 13 de maio de 2007. p. 28.

GYGAS, Théo. **O cão em nossa casa: como criar, tratar e adestrá-lo.** 29 ed. São Paulo: Discubra, 1987.

MORAILLON, Robert. In: **Enciclopédia do Cão. Royal Canin.** Traduções: S. Artamonoff, B. Delavalle, M. D'Orey de Faria, L. Gonçalves, B. Magne, E. Rio Branco, M. Rosemberg, Madame Antunes. Aniwa Publishing. Paris: Aniwa, 2006. Edição brasileira. p. 606.

MENDONÇA, Carina Parra. **MUSICOTERAPIA E VETERINÁRIA: Uma proposta na diminuição do estresse.** Monografia de conclusão do curso de musicoterapia. São Paulo: UniFMU, 2005.

OLIVEIRA, Roberto de. **Tropa da Elite**. Folha de S. Paulo. Revista da Folha. 30 de setembro de 2007. Ano 16; número 787; p. 10-16.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2003.

SOCZKA, Luis. **Ensaio de Etologia Social**. Lisboa: Fim de Século, 1994.

STEIN, Diana. **A Cura Natural para Cães & Gatos**. São Paulo: Ground, 1998.

SWENSON, Melvin J.; REECE, William O. **Dukes Fisiologia dos Animais Domésticos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

TEIXEIRA, Jerônimo. **O cão e o homem: uma história de amor**. Revista Veja. Edição 1992; ano 40; número 3. Editora Abril, 24 de janeiro de 2007. p. 69.

SITES

BUBNA-LITTIZ, Hermann. **Pets and Music**. Disponível em: <<http://www.petsandmusic.com/default.asp>>. Acessado em: 17/05/07.

BURNIER, Rúbia. **Depressão Canina. Saiba como ela se manifesta e o que pode provocá-la**. Disponível em: <http://www.espacoanimal.com.br/artigos/depressao_caes.html>. Acessado em 28/03/07.

BUTLER, Joy. **Dogs and Music. Tips for Helping Your Dog Relax**. Disponível em: <<http://dogs.suite101.com/article.cfm/dogsandmusic>>. Acessado em 19/08/2007.

CAMU, John Joseph M. **Beautiful Music Can Relax Animals**. Disponível em: <<http://www.network.bestfriends.org/theanimalworld/news/3580.html>> Acessado em 19/08/2007.

GRINDE, Bjørn. **A Biological Perspective on Musical Appreciation**. Nordic Journal of Music Therapy, 2000. 9(2), pp. 18-27. Disponível em: <<http://www.njmt.no/artikkelgrinde92.html#top>>. Acessado em 01/11/07.

MELO, Luis Fernando dos Santos. **Depressão em Animais**. Disponível em: <<http://www.anuariocaes.com.br/materias/depressao.php>>. Acessado em 28/03/07.

REINECKER, David. **Music for Dogs**. Disponível em: <<http://www.learningdog.com/musicfordogs.html>>. Acessado em: 07/09/2007.

SCHOENBERGER, Thomas. **Doggone Songs**. Disponível em: <<http://www.dogtoys.com/doggonesongscd.html>>. Acessado em 11/10/07.

WELLS, D. L. GRAHAM, L. HEPPER, P. G. **The influence of auditory stimulation on the behaviour of dogs housed in a rescue shelter**. Animal Welfare 2002, 11: 385-393. Disponível em: <<http://www.ufaw.org.uk/v11main.php>>. Acessado em 12/10/07.

WOODFORD, Terry. **The Canine Lullabies Story**. Canine Lullabies. Disponível em: <<http://www.caninelullabies.com/index.php?customer number=93449337231518&pr=Story&PHPSESSID=0ba5851d8ac14017840d386831f72d3c>>. Acessado em: 17/05/07.